

ZEITGEIST¹
EM HOMENAGEM A EVANILDO BECHARA POR
OCASIÃO DOS SEUS 90 ANOS

ZEITGEIST
IN HOMAGE TO EVANILDO BECHARA ON THE OCCASION
OF HIS 90 YEARS

Cristina Altman
Universidade de São Paulo
altman@usp.br

RESUMO:

O texto retoma um problema recorrente na pesquisa historiográfica em ciências da linguagem: a questão das *influências* e do *clima intelectual* (*Zeitgeist*) no processo de produção de conhecimento em uma tradição linguística. O objetivo é reverenciar os 90 anos de Evanildo Bechara que, em vários momentos de sua longa trajetória, rendeu tributos àqueles que considerou seus maiores mentores. Escolhi, por achar oportuno à ocasião, revisitar o diálogo que se estabeleceu entre Said Ali e o homenageado, na tese que apresentou em 1954 para concorrer à cátedra de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II: *Evolução do pensamento concessivo em português*, dedicada à “*memória do mestre diletíssimo e amigo inesquecível M. Said Ali Ida (1861-1953)*”, a quem Bechara reconheceu, explicitamente, dever sua formação filológica.

PALAVRAS-CHAVE:

Evanildo Bechara, Said Ali, influências, clima intelectual

ABSTRACT:

The article revisits a recurring problem in the language sciences historiographic research: the question of the *influences* and of the *intellectual climate* (*Zeitgeist*) in the knowledge production process within a linguistic tradition. Its purpose is to celebrate

¹ Esta é uma versão escrita do texto proferido no encerramento do 17. Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa, realizado conjuntamente ao 8º. Congresso Internacional de Lusofonia, na Pontifícia Universidade Católica, em 28 de abril de 2018. Agradeço uma vez mais às organizadoras do encontro, em especial a Neusinha Bastos e a Nancy Casagrande, a oportunidade de testemunhar, mais uma vez, a vitalidade, a erudição e o bom humor do Professor Evanildo Bechara, a quem presto respeitosa reverência, por ocasião dos seus 90 invejáveis anos.

the 90th anniversary of Evanildo Bechara who, at several moments of his long trajectory, paid tribute to those he considered his greatest mentors. As it was appropriate for the occasion, I chose to readdress the *dialogue* between Said Ali and the honoree, in the thesis he presented in 1954, to compete for the Chair of Portuguese Language at the Pedro II School: *The evolution of the concessive thinking in Portuguese*, dedicated to “*the memory of the most beloved master and unforgettable friend M. Said Ali Ida (1861-1953)*”, to whom Bechara explicitly acknowledged that he owed his philological training.

KEY-WORDS:

Evanildo Bechara, Said Ali, influences, intellectual climate

“... [Taine] dizia que todos nós começamos imitando, amanhã não imitamos a mais ninguém e, depois de amanhã, imitamos a nós mesmos, isto é, somos originais.”

(*Evanildo Bechara em Primeira Pessoa*,
in D. V. Palma et al., 2008: 23)

Introdução

Em entrevista concedida a Neusa Bastos (Bechara, 2008a), Evanildo Bechara, ao discorrer sobre sua metodologia nas aulas de português, mencionou Humberto de Campos (1886-1934) que, em suas *Memórias*, revelara que lera tanto Coelho Neto (1864-1934) que, aos 16 anos, ao escrever um conto, não sabia se assinava Humberto de Campos, ou Coelho Neto. Em meio a esta pequena digressão do entrevistado, o que mais chamou minha atenção foi a citação que fez a seguir,² aqui reproduzida: “... [Taine] dizia que todos nós começamos imitando, amanhã não imitamos a mais ninguém e, depois de amanhã, imitamos a nós mesmos, isto é, somos originais.” (Bechara, 2008a: 23). Dedicada ao estudo das tradições brasileiras de pesquisa linguística e ao cultivo da sua memória há tantos anos, não poderia me escapar essa pequena citação de Bechara, que remete a um problema recorrente em historiografia linguística: a questão das *influências* que um autor exerce sobre o trabalho do

² Atribuída a Hippolyte Taine (1828-1893)

seu leitor, ou discípulo, principalmente em ciências como as da linguagem, cujo conhecimento se constrói em entrelinhas, em intertextos, em hipertextos. Esta questão é um tema tão recorrente quanto complexo em historiografia linguística, e ainda perturba os historiógrafos, tanto os mais experientes, quanto os que se iniciam na prática.

De fato, é muito difícil mapear a rede de influências sobre as ideias de um autor sem esbarrar no conceito mais amplo de *clima de opinião, ou de clima intelectual*, (que aqui aproximo do *Zeitgeist* alemão),³ ou então, sem lidar com conceitos ainda mais fugidios como os de *originalidade* e *autoria* do trabalho intelectual: qual a fronteira entre se inspirar nas ideias de alguém, mesmo que parcialmente, e entre adotar uma ideia, ou um ponto de vista, que circula de forma dominante em nosso ambiente intelectual? Eu arriscaria reafirmar que, no caso brasileiro, para além de todas as dúvidas que temos sobre como tratar essa questão com um mínimo de rigor, há um complicador a mais. A pesquisa linguística no Brasil, como sabemos, tem se caracterizado por ser uma linguística eminentemente ‘de recepção’ (*inter alia* Altman, 1996, 1998), isto é, nossa prática de trabalho tem consistido em aplicar, ao português sobretudo, teorias e metodologias produzidas em outros centros irradiadores de pesquisa ‘avançada’. Aliás, é preciso observar que, se por um lado, costumamos exaltar a originalidade de um autor, valorando negativamente a dinâmica da ‘recepção’, por outro, não deixamos de praticá-la. Com efeito, o Brasil não é considerado pela historiografia linguística canônica um centro produtor e divulgador de novas ideias. Ao contrário, é lugar comum na literatura crítica sobre a pesquisa linguística no Brasil, no século XX, a constatação de que não desenvolvemos um pensamento linguístico original, antes, ‘recebemos’ as teorias de outros centros mais ‘desenvolvidos’ e as aplicamos, replicamos e reproduzimos (Coseriu, 1976 [1968]; Mattoso Câmara, 1976 [1968]; Borges Neto, 1986).

Mesmo reconhecendo que a ciência enquanto tal não tem fronteiras, já que há hoje extrema facilidade de intercâmbio de textos e de ideias entre pesquisadores, algo impensável há 50 anos, é preciso admitir que qualquer pesquisador está sujeito às coerções do seu contexto imediato, inevitavelmente. Em outras palavras, se a ciência não tem nacionalidade, o cientista tem. Neste sentido, em vez de cavoucarmos a história em busca de pioneiros e de heróis, ou de

³ O conceito de *clima de opinião*, segundo Koerner 1975, é do século XVII e foi revivido por Alfred North Whitehead (1861-1947) nas suas conferências de 1925. Nos termos do autor: “‘*Climate of opinion*’ denotes the particular intellectual atmosphere prevailing in a given period of time [...]” (Koerner, 1975: 719-720).

produtores e receptores, talvez fosse mais produtivo recolocar a questão das influências em termos de *diálogos* que se estabeleceram entre pesquisadores que atuaram em contextos diferentes, em tempos diferentes, em mundos intelectuais diferentes. De fato, em uma relação dialógica, pesquisadores não ‘copiam’ simplesmente informações uns dos outros, mas prestam, cada um a seu ‘turno’, sua contribuição em uma direção mutuamente aceita. Claro que essa direção pode ser — e frequentemente é — renegociada ao longo do diálogo (Grice, 1982), mas dificilmente é unidirecional, ou unidimensional.

Longe de querer esgotar a complexidade do problema, retomo aqui a questão das *influências* e do *clima intelectual* em historiografia linguística para reverenciar os 90 anos de Evanildo Bechara que, em vários momentos de sua longa trajetória, rendeu tributos àqueles que considerou seus maiores mentores.⁴ Escolhi, por achar oportuno à ocasião, revisitar o diálogo que se estabeleceu entre Said Ali e o homenageado, na tese que apresentou em 1954 para concorrer à cátedra de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II: *Evolução do pensamento concessivo em português* (Bechara, Marlit, 2008: 53),⁵ dedicada à “*memória do mestre diletíssimo e amigo inesquecível M. Said Ali Ida (1861-1953)*”, a quem Bechara reconheceu, explicitamente, dever sua formação filológica.

1. O contexto imediato da pesquisa linguística brasileira na década de 1950

1.1 Um contexto em mutação

Retrospectivamente, os anos 1950 no Brasil simbolizam o momento do cruzamento de duas gerações de *scholars* brasileiros que se perceberiam em domínios opostos. Foi o ponto de chegada de uma geração de ‘filólogos’ voltados para o estudo histórico (notadamente gramatical) do português, para a variação dialetal (notadamente do léxico) e para a definição de um padrão fonético brasileiro. Ao mesmo tempo, foi o ponto de partida de uma futura geração de ‘linguistas’ que privilegiaria, em nítida reação à geração anterior,

⁴ Entre outros: M. Said Ali Ida (1861-1953), J. Mattoso Câmara (1904-1970) e Eugenio Coseriu (1921-2002).

⁵ Também denominada *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*.

o estudo sincrônico do português, a variação socioletal e as questões de teoria gramatical (Altman, 2016).

Nesse contexto em incipiente mutação, os *scholars* brasileiros voltados para o estudo de questões de língua e linguagem se percebiam, de maneira geral, filólogos. Tanto é que Coseriu (1976 [1968]: 19), ao discorrer sobre os centros de pesquisa latino-americanos, os definiu como centros eminentemente filológicos, em que a linguística, embora pudesse prevalecer em alguns casos, nunca era exclusiva.⁶ Na sua interpretação: “*Isto se deve à antiga ligação entre linguística e filologia, que foi preservada até hoje em alguns campos, às necessidades do ensino, e, sobretudo, a uma tradição espanhola e portuguesa de raízes bastante profundas.*” A propósito, observe-se neste sentido o comentário de Mattoso Câmara, também de 1968, que reforça essa interpretação:

Não obstante o progresso feito em linguística geral, linguística do português e dialetologia, a filologia em seu sentido estrito continua a merecer o interesse predominante dos estudiosos brasileiros. O ensino do português nas universidades brasileiras é principalmente de caráter filológico e frequentemente se confunde com estudos literários. (Mattoso Câmara, 1976 [1968]: 58)

Com efeito, no Brasil, a Linguística Geral, como disciplina distinta e autônoma em relação à Filologia, só se institucionalizaria como disciplina obrigatória aos alunos de Letras em 1962. Até então, os estudiosos brasileiros faziam parte de uma tradição de pesquisa vista pelos seus contemporâneos como contínua, passaram para a literatura crítica posterior como grandes filólogos e, como grandes filólogos, ocuparam as principais cátedras universitárias do país; fundaram os primeiros centros de pesquisa dedicados a assuntos linguísticos; dominaram o cenário das publicações monográficas e periódicas e, por isso mesmo, foram aqueles capazes de congregar, até meados dos anos 60, pelo menos, o maior número de adeptos (cf. Castilho, 1962; Altman, 1998). O centro principal de irradiação do ‘clima intelectual filológico’ nos anos 1950 era o Rio

⁶ Entenda-se aqui por ‘linguística’ a linguística estrutural, enquanto descrição autônoma de formas e funções de uma língua natural.

de Janeiro, e seu líder intelectual e organizacional, nos termos de Murray 1994, era Serafim da Silva Neto (1917-1960) (v. Coelho, 1998; Altman, 2016).⁷

De outro ponto de vista, é interessante observar que diferentes estilos de trabalho acadêmico também apontavam, ainda que timidamente, para mudanças. Se, no modelo histórico-comparativo, predominante entre os gramáticos brasileiros desde as décadas finais do século XIX (cf. Danna, 2014) e permeado de motivações didáticas e normativas, o estudo da matéria linguística era percebido como da esfera de competência de apenas alguns poucos eruditos, a partir dos anos 1950 e 1960, assistiríamos à lenta diluição das funções administrativas e científicas das antigas cátedras.⁸ Ao final dos anos 1960, as ciências da linguagem no Brasil passariam a ser uma atividade de grupos que se aglutinariam em torno de novos temas e de novas metodologias de pesquisa (Altman, 1998).

Em 1954, entretanto, quando Bechara apresentou sua tese ao Colégio Pedro II, essas mudanças eram ainda por demais incipientes para que a geração do consagrado mestre Said Ali e do jovem Bechara delas se dessem conta. Said Ali, aliás, falecera no ano anterior, em 27 de maio de 1953, e Bechara, seu precoce discípulo, apenas despontava profissionalmente, não como o leitor dos ‘estruturalistas’ que circulavam no ambiente acadêmico do Rio de Janeiro, como Joaquim Mattoso Câmara (1904-1970) ou Eugenio Coseriu (1921-2002), mas sim como o leitor dos renomados filólogos europeus e brasileiros e de suas bibliografias.

Foi neste contexto imediato que, em 1954, Bechara publicou seu primeiro volume, que reunia seus ensaios esparsos, e defendeu sua tese sobre o ‘pensamento concessivo’ no concurso do Colégio Pedro II, diante de uma banca,

⁷ O processo de institucionalização dos estudos linguísticos no Brasil começa, a rigor, com a geração acadêmica anterior, responsável pela criação das primeiras Faculdades de Filosofia em São Paulo e no Rio de Janeiro, na década de 1930. A rigor, entretanto, a primeira Faculdade de Filosofia regularmente organizada no país foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*, fundada em 1933, em São Paulo (*Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*. USP, 1953). Em 1934, foi criada a Universidade de São Paulo (USP), que incorporou às instituições já existentes -- Direito, Medicina, Engenharia, Escola Agrícola, Farmácia e Odontologia -- uma Faculdade de Filosofia. Em 1935, foi criada a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, que também instituiu uma Faculdade de Filosofia e Letras. A criação destas Faculdades simbolizaram o fim do autodidatismo em matéria de linguagem e marcaram, na percepção das gerações que se seguiram, o início da carreira do profissional de Letras (v. Altman, 1998).

⁸ O regime da cátedra só se extinguiria, ao menos do ponto de vista legal, em 1969, quando foi implantado o sistema departamental, embora, como é sabido, perdurasse na prática ainda por mais alguns anos.

certamente, de renomados filólogos. Circunstâncias de vida pessoal, pois, (e só neste caso elas têm importância para o historiógrafo) fizeram com que o jovem Bechara emergisse dentro de um determinado modelo de atuação acadêmica e de um conjunto de valores compartilhados que aqui rotulo de ‘filológico’ (v. também Cavaliere, 2008: 87 e Bechara, 2017). Estar em um certo lugar em um certo momento também contribui para a direção por onde vai o conhecimento.

1.2 As condições ambientais da pesquisa filológica

Nas primeiras décadas do século XX, isto é, no Rio de Janeiro de Said Ali e do jovem Bechara, ainda imperava o *Zeitgeist* alemão do século XIX, aqui retomado por alguns grandes traços caracterizadores do período, depreensíveis da tese de Bechara de 1954: as condições materiais de pesquisa no Rio de Janeiro; a orientação histórico-evolutiva no estudo das formas e funções linguísticas e o mentalismo funcional de Said Ali, que também caracterizaria todo o percurso intelectual de Bechara (Neves, 1999: 72).

Esta tese, cujo objetivo era apresentar um estudo da história das conjunções concessivas no português, consistiu em um pequeno trabalho de erudição de cerca de 50 páginas, copioso em citações de filólogos europeus, notadamente romanistas, e em exemplos retirados de consagrados escritores do que Bechara denominou *Fase latina* (p.16-18), *Fase Românica* (p. 19-25) e *Português Quinhentista e Seiscentista* (p. 26-42). O exame das *operações mentais* que constituíam o *pensamento concessivo*, nos termos do autor, o levaram a propor outra designação para o que a tradição gramatical chamava de subordinadas concessivas: para Bechara, as orações que encerram o pensamento concessivo, deveriam se chamar *hipotéticas opositivas*.

Desde o início, na página que prefacia a tese, Bechara nos revela um aspecto importante das condições materiais da pesquisa filológica no Rio de Janeiro dos anos 1950, das práticas autorizadas no trabalho acadêmico; e dos valores compartilhados pela comunidade científica então relevante.

Observe-se:

*Empenhamo-nos em conferir, na medida do possível, todas as citações deste livro, inclusive aquelas exaradas pelas obras que consultamos. Salvo casos raríssimos, podemos afirmar que todas as passagens transcritas foram por nós cuidadosamente confrontadas. **Redigidos estes estudos em dois meses e em altas***

horas da noite, não nos foi permitido visitar bibliotecas, cingindo-nos, portanto, aos volumes que possuíamos. (Bechara, 1954a: prefácio, os grifos são meus)

Este pequeno parágrafo é revelador, se lembrarmos que a linguística brasileira dos anos 1950, ou 1960, não tinha autonomia ideológica, nem metodológica, como acertadamente apontou Coseriu (1976 [1968]: 15). As bibliotecas eram individuais, ou seja, raramente planejadas e nem sempre acessíveis aos jovens interessados;⁹ os critérios de coleta e de seleção de dados eram igualmente assistemáticos; a erudição, entendida aqui como o conhecimento linguístico adquirido através de vasta literatura estrangeira, altamente valorizada. Como as fontes de estudo dependiam basicamente dos livros e periódicos que cada pesquisador pudesse adquirir, ou ter acesso, a formação dos estudiosos, muitos ainda autodidatas, era bastante heterogênea (Coseriu, 1976 [1968]: 18). Bechara, inclusive, nunca deixou de mencionar, com orgulho, os livros que emprestou, ou que herdou de Said Ali, por especial deferência do mestre. Não é de estranhar, pois, que a prática autorizada no trabalho filológico e linguístico, tanto aquela voltada para o ensino gramatical no ensino médio, quanto aquela que ambicionava o nível acadêmico, consistia em ler os grandes autores estrangeiros e aplicar suas proposições aos dados da diacronia do português. Além do mais, o profissional que tivesse algum pendor para a pesquisa, a ela se dedicava somente a “*altas horas da noite*”, já que durante o dia, para sobreviver, ministrava incontáveis aulas no ensino médio, foi assim com Bechara, foi assim com Mattoso Câmara...

2. Said Ali

2.1 Os diálogos com Said Ali

Embora imerso no modelo histórico-comparativo dominante no pensamento intelectual alemão do final do século XIX, Said Ali foi festejado pelas gerações que o sucederam como alguém sensível a certas questões que estavam à margem dos interesses da comunidade relevante de filólogos no Brasil e, principalmente, como alguém pioneiro em relação a questões que ocupariam

⁹ A exceção sempre lembrada é a biblioteca particular de Serafim da Silva Neto

a atenção dos *scholars* brasileiros somente décadas depois. Assim é que a ele se atribui a primeira referência explícita a Ferdinand de Saussure (1857-1913) no conjunto da produção linguística brasileira, interpretada por muitos como sinal do seu pensamento de vanguarda (cf. por ex., Silva Neto, 1955; Bechara, 1962; Mattoso Câmara, 2004 [1961]; Elia, 1976). De fato, no prefácio da 2a. edição das suas *Difficuldades da lingua portuguesa*, Said Ali relata:

Levei sempre em conta, nas diversas questões de que me ocupei, o elemento psicológico como fator importantíssimo das alterações de linguagem e, inquietando a persistência ou instabilidade dos fatos linguísticos, tomei para campo de pesquisas não somente o português do período literário que se estende de João de Barros a Manoel Bernardes, mas ainda o falar hodierno e, por outra parte, o menos estudado falar medieval. Pude assim colher resultados que dão regular ideia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente, de onde se vê a razão de certas dicções duplas, coexistentes ora e ora sucessivas, fontes, muitas vezes, de renhidas e fúteis controvérsias. Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar as suas luminosas apreciações sobre linguística sincrônica e linguística diacrônica. (Said Ali, 1919, VI, grifos meus, a ortografia foi atualizada)

Autodidata ou, nos dizeres de Silva Neto, sem cursos especializados, ou mestres que o tivessem orientado, Said Ali fora um estudioso constante da linguística em evidência no século XIX, isto é, da linguística histórico-comparativa indo-europeia, com a qual tinha familiaridade, presumivelmente, por ser conhecedor de francês, inglês e alemão, língua de que foi professor, aliás, tanto na Escola Militar, quanto no renomado Colégio Pedro II, ambos no Rio de Janeiro. Tais interesses, ao lado de outros talentos, certamente lhe facilitaram o acesso à tradição intelectual alemã, que tinha em Leipzig seu principal centro irradiador (Joseph 2012: 228). A literatura linguística então em evidência incluía, entre outros, os estudos de Friedrich Diez (1794-1876), Karl Brugmann (1849-1919), Bertold Delbruck (1842-1922), Georg von der Gabelentz (1840-1893), Hermann Paul (1846-1921), Anton Marty (1847-1914), Wilhelm Meyer-Lübke (1861-1936), Eduard Sievers (1850-1932), Michel Bréal (1832-1915) e William Dwight Whitney (1827-1894) (cf. Danna, 2014, Mattoso Câmara, 2004 [1961]: 223).¹⁰ Autores que, na sua maior parte, atuaram

¹⁰ Danna (2014: 82-86) enumera em detalhes as 49 referências explícitas que Said Ali fez, na sua *Difficuldades da Lingua Portuguesa*, a autores não portugueses, na sua grande maioria,

contemporaneamente a Saussure.

Não seria por demais fantasioso supor, pois, que as proposições saussurianas sobre uma linguística sincrônica ao lado de uma linguística diacrônica, publicadas postumamente, como se sabe, em 1916, tivessem chegado ao conhecimento de Said Ali já em 1919, em meio a este elenco de filólogos europeus da virada do século. De fato, Saussure, para todos os efeitos, só poderia ter sido lido por Said Ali no contexto dos autoproclamados renovadores da filologia indo-europeia, ou seja, dos neogramáticos alemães, e daqueles a quem estes referendavam. Afinal, a chamada ‘revolução estruturalista’, que rendeu tributos explícitos a Saussure ao longo do século XX ainda não tinha acontecido na Europa.

Isso posto, é preciso ler com cuidado a interpretação que os primeiros *doublés* de filólogos e linguistas brasileiros propuseram sobre o legado de Said Ali.

Mattoso Câmara, por exemplo, viu em Said Ali ‘*a fisionomia filológica*’ de um *estruturalista* que percebia a língua como “... *uma ‘estrutura’, ou rede complexa, mas regularmente trançada, de fatos que se relacionam e se opõem em configurações muito nítidas que ao linguista cabe depreender.*” (Mattoso Câmara, 2004 [1961]: 224); Silva Neto, no obituário que dedicou ao mestre, não hesitou em exaltar “... [*a*] *diferença entre Said Ali e a maioria dos seus contemporâneos*”, ao se referir à menção que Said Ali fizera a Saussure em 1919 (Silva Neto, 1955: 111). Aliás, Silva Neto não poupou nem um pouco os contemporâneos de Said Ali da sua fina ironia. Observe-se:

... para só dar um exemplo basta dizer que já em 1919, na segunda edição das **Dificuldades** (quando os nossos ‘filólogos’ ainda tinham Hovelacque o[u] Max Muller como livros para ‘altos e solenes estudos’ já lera e compreendera o alcance das doutrinas saussurianas [...]) (Silva Neto, 1955: 110, as aspas são do autor).

O próprio Bechara, em tese de 1962, que tem Said Ali como tema, avaliou que:

A preocupação de fazer da **Gramática Secundária** um registro do estado do português escrito e falado pelas pessoas cultas da época em que foi elaborada, levou o prof. Said Ali a consignar numerosas observações que, quase sempre, são originais, além de apresentar seu próprio testemunho como exemplo dos fatos

do século XIX. Os autores mencionados maior número de vezes foram Diez, Brugmann e Bréal.

linguísticos expostos. É sem dúvida esta uma atitude muito moderna, de largo uso na linguística descritiva, como, por exemplo se pode ver na argumentação judiciosa do linguista americano, Archibald A. Hill, no seu livro **Introduction to Linguistic [Structures]** (p. 13) [...]. (Bechara, 1962: 20, grifos meus).

Silva Neto (1955), Mattoso (2004 [1961]) e Bechara (1962) projetaram em Said Ali, retroativamente, uma visão estrutural (e estruturalista) do objeto-língua que, acredito, o velho mestre dificilmente poderia ter intuído décadas antes.¹¹

2.2 O ‘sentimento do vulgo’ e análise histórica

Por outro lado, é inegável que Said Ali percebera com clareza, à diferença de seus antecessores e, talvez, também de seus contemporâneos, as implicações decorrentes da análise de um ‘estado de língua’, representado, nos seus termos, pelo ‘sentimento geral do vulgo’ e da análise da sua evolução no eixo da história, capturável apenas pelo estudioso. Observem-se seus comentários sobre derivação, abaixo:

Outras vezes tem havido tal evolução de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o **sentimento geral do vulgo** e o facto encarado á luz da pesquisa científica. Para o comum dos homens que falam português, a palavra esquecer se apresenta como um verbo primitivo, do qual se tiram esquecimento, esquecedor, esquecediço; para o linguista, é alteração de escaecer e palavra derivada, em ultima análise, de caer, forma antiga de cahir. [...] Ha entretanto exagero neste método de análise erudita. O sentimento de linguagem é fator essencial, sem o qual as formas e criação de palavras perderiam sua significação. [...] De maneira que a fórmula mais razoável para explicar esquecer, receber, vingar, julgar, resistir, etc., seria declarar que **são antigos verbos derivados que passaram a funcionar como verbos primitivos**. (Said Ali, 1931, II, 3-4, grifos meus, a ortografia foi atualizada).

¹¹ "Nesse sentido, Silvio Elia, cerca de dez anos depois, embora reconheça a originalidade e a modernidade de Said Ali na sua atividade de gramático, é, com razão, bem mais cauteloso que Mattoso, Silva Neto e Bechara, na sua interpretação da obra de Said Ali: Em particular, a sua simpatia pelas doutrinas saussurianas revela o homem de saber sensível às novas colocações da ciência linguística, embora não lhe vejamos estrias estruturalistas. A nosso parecer, Said Ali foi um cultor do método histórico-comparativo, que aplicou de preferência aos fatos morfológicos e sintáticos; praticou a diacronia, entendendo-a corretamente como uma comparação de sincronias" (Elia, 1976: 131).

Nada mais saussuriano, de fato.¹²

A discussão sobre a precedência da sincronia sobre diacronia (ou vice-versa) esteve no foco das atenções dos *scholars* em vários momentos da nossa história (v. Altman, 2016) mas, a principal contribuição de Said Ali naquele momento, i.e., no momento que precedeu a criação das Faculdades de Filosofia na década de 1930, foi chamar a atenção dos gramáticos para a necessidade de se respeitar a sincronia dos dados a partir dos quais construíam seus argumentos. Em outras palavras, para Said Ali, o estudo da língua tem que distinguir os fatos da língua que são simultâneos — em determinado estado de língua — dos fatos que são sucessivos. Os primeiros, os fatos simultâneos, estão na consciência do falante, ou, no que denomina ‘sentimento do vulgo’; os segundos, os sucessivos, estão no trabalho de reconstrução do filólogo. Como consequência, não teria sentido, pois, formular normas de língua (no caso das gramáticas pedagógicas) a partir de exemplos do século XVI, nem tampouco propor estágios de evolução da língua (nas gramáticas históricas), misturando desordenadamente exemplos de sincronias diferentes, prática, aliás, bastante comum em nossa tradição de descrição gramatical.

Mattoso Câmara, por exemplo, diferentemente de Silva Neto, se colocou desde a primeira edição dos *Princípios*, em 1941/42, a favor da autonomia entre as abordagens sincrônica e diacrônica, ambas igualmente científicas do seu ponto de vista, ainda que não confundíveis. Assim, no estudo da estrutura dos vocábulos, ou das formas da conjugação dos verbos do português, por exemplo, Mattoso propôs que se levasse em conta o que denominou ‘fatos atuais da língua’:¹³ assim, dizer que o verbo *comer* não tem raiz, porque advém do latim *comedere*, composto de *com*-prefixo, de uma raiz *ed-*, e da terminação *ere-* é, segundo ele, baralhar o problema, “...porque, em linguística estática, a raiz de *comer* é *com*-...” (Mattoso Câmara, 1941: 21). Mattoso reconhecia, evidentemente, que a língua, exposta aos acidentes do uso em *discurso* — termo que utilizou no lugar de *parole* — estava, de fato, em contínua evolução. Do ponto de vista coletivo, entretanto, o sentimento dos falantes é de fixidez o que,

¹² Ao discutir certas questões de método em Linguística, Saussure, distinguindo a análise subjetiva (do falante) da objetiva (do linguista) no estabelecimento das subunidades da palavra, postula: “[...] observez ce qui se passe dans les langues d’aujourd’hui, dans le langage de tous les jours, et n’attribuez aux périodes anciennes de la langue aucun processus, aucun phénomène qui ne soit pas constatable actuellement” (Saussure, 1922: 252).

¹³ Embora, atente-se, ‘dados sincrônicos’ não se referem obrigatoriamente a ‘dados atuais’.

nos seus termos, embora seja naturalmente ilusório, é socialmente real. Cabe à Linguística “...estudar a fixidez aparente e a evolução incessante, dividindo-se em estática e dinâmica, ou, melhor, segundo as denominações de Saussure, em Linguística Sincrônica e Linguística Diacrônica” (Mattoso Câmara, 1941: 18).

3. A evolução do pensamento concessivo

Bechara, na tese de 1954, cujo título original é *A evolução do pensamento concessivo* (Bechara, Marlit, 2008), não problematizou a oposição diacronia x sincronia, apenas a mencionou em comentários esparsos, ou, prudentemente, lembrou o leitor de que ainda não havia dados suficientes no estudo da sintaxe do português para que as dimensões sincrônica e diacrônica fossem estabelecidas. Nos seus termos:

II – As investigações sintáticas sobre o idioma português ainda não são tais, que caracterizem uma determinada fase linguística nos aspectos sincrônico e diacrônico. A atividade dos estudiosos neste campo nos permitirá conhecer melhor as criações novas de cada época e determinar até que ponto influíram na sintaxe as relações do português com outras línguas, através de empréstimos. Bons guias representam os trabalhos de M. S. Ali e Augusto Epifânio da Silva Dias [...] (Bechara, 1954a: 43, grifos meus).

A orientação geral que imprimiu ao estudo, entretanto, é nitidamente psicológica e funcional: o objetivo último da língua é a comunicação. Assim é que pontuam sua análise termos como ‘operação mental’, ‘expressão de pensamento’, ‘ideia concessiva’. Desde o início do seu estudo, afirmou que:

A concessão deve ter nascido no momento em que as declarações do falante **sentiram o peso da argumentação contrária do interlocutor**. A experiência do ouvinte nem sempre recebia de modo passivo tudo o que lhes narravam e com réplicas inteligentes esbarravam muitas afirmações que lhe chegavam ao conhecimento (Bechara, 1954a: 8, meu grifo).

A operação mental que cruza o pensamento concessivo e o pensamento condicional, por exemplo, na análise subjetiva que o falante realiza sobre sua língua ecoa o argumento de Said Ali sobre *o sentimento do vulgo* em questões

morfológicas (V. Bechara, 1954a: 10), e a discussão sobre análise subjetiva e objetiva do próprio Saussure.¹⁴ O Bechara dos anos 1950 retomou, pois, o mentalismo funcional em evidência no contexto de final de século alemão, a que Said Ali com certeza teve acesso (cf. nota 10 acima), não apenas pela leitura dos debates suscitados pelos neogramáticos mas também, direta ou indiretamente, pela leitura de Whitney, Paul, Saussure e, principalmente, Wilhelm Wundt (1832-1920). Autores mais afeitos a uma visão geral da língua, como uma instituição social, um objeto histórico, ou um ‘tesouro’ mental, e não como um fato natural.

Said Ali e, por extensão, Bechara, estavam mais interessados em questões (morfo)sintáticas e semânticas do que fonéticas, o que não os impediu de ver os sons e a prosódia como “*meios de expressão que traduzem a gama variada e complexa dos nossos pensamentos.*” (Bechara, 1954a: 9), donde o interesse de ambos pela entonação como meio de expressão. Nas proposições finais da tese, aliás, Bechara explicita que “*Ao lado das palavras gramaticais, a concessão pode ser indicada por tom de voz especial. Aliás, a entonação permite à língua coloquial fugir ao complexo sistema da hipotaxe, característica da língua literária.*” (Bechara, 1954a: 43).

Com efeito, a noção de uma *mente inconsciente* que controlava as atividades mecânicas do corpo humano, como a respiração, ou o batimento cardíaco, atraiu significativamente a atenção de linguistas e filósofos europeus do começo do século. A linguagem, da perspectiva deste debate, pertenceria inteiramente ao domínio do *consciente*, i.e., à diferença de todos os outros animais, somente o homem teria a capacidade de articular experiências mentais, o que comprometia de antemão qualquer teoria que levantasse a hipótese de que o homem teria evoluído de um animal. Ora, a ‘revolucionária’ proposição de Brugmann (Brugmann & Osthof, 1878), um dos autores mais citados por Said Ali (1919), sugeria justamente o contrário: **algumas** mudança dos sons de uma língua aconteciam em concordância com leis que não admitiriam exceção, ou seja, também a linguagem estaria submetida a leis de natureza inconsciente que comandavam sua evolução (Joseph, 2012: 226).¹⁵ Quero crer que é nesse contexto que Bechara conclui, entre outras proposições que “[o] *histórico das conjunções nos revela que nem tudo na língua é evolução*”. (Bechara, 1954a: 43).

¹⁴ Bechara (1954a: 10, nota 4) remete a Saussure (1916), aliás, para esclarecimentos sobre a análise subjetiva (da parte do falante) e objetiva (fundada na história).

¹⁵ A literatura especializada sobre a linguística alemã do século XIX é vasta. Limite-me aqui a remeter o leitor às sempre perspicazes considerações de Joseph 2012.

Considerações finais

Como interpretar essa rede de relações?

Muito parece depender do sentido e da importância que atribuímos ao termo *influência*. Se por ele queremos dizer que certas ideias, enquanto tais, faziam parte da bagagem intelectual de um determinado período, podemos facilmente concordar que Said Ali e Bechara não podiam fugir das ideias propostas pelo *Zeitgeist* alemão do final do século XIX e do início do século XX. Embora essa seja uma concepção muito ampla de *influência* e talvez, por isso mesmo, insatisfatória e pouco significativa.

Se, por outro lado, seguirmos as sugestões de Koerner (1989) e tratarmos a questão da *influência* pelos seus vestígios — antecedentes do autor, escolaridade, primeiros estudos, referências, citações, terminologia, reconhecimento explícito e público — reduziríamos a extensão do conceito de influência, mas talvez perdêssemos a dimensão coletiva do conhecimento. As relações mestre/discípulo entre Said Ali e Evanildo Bechara (1954 a e b) são inegáveis. Além das evidências textuais, Bechara (2008) discorreu sobre os colóquios com Said Ali, as orientações generosas, o acesso à sua preciosa biblioteca. Sempre reconheceu explicitamente os laços intelectuais e de afeto que cultivou com seu velho mestre. Sem dúvida é adequado admitir uma relação de *influência* positiva, de continuidade, de concordância entre o mestre e seu discípulo.

Mas acredito ser metodologicamente mais vantajoso pensarmos em termos de gerações, ou de grupos que *dialogam* entre si, em torno de uma ideia, ou uma prática.

Ainda que divergentes ou, justamente por isso mesmo, é difícil não aproximar os argumentos e, por extensão, as práticas de análise de Said Ali (1919, 1931), Mattoso Câmara (1941), Silva Neto (1955), Bechara (1954a) e, —por que não?— Saussure (1916), em um *diálogo* que se desenvolvia na direção de uma mudança importante no *Zeitgeist* dos linguistas brasileiros dos anos 1950 e 1960: o estudo da relação entre dados sincrônicos (confundidos, muitas vezes, com os ‘dados atuais’) do português do Brasil, na sua modalidade não literária.

Dessa perspectiva, mais do que concluir pela *influência* de um ‘pioneiro-herói’ de quem emana todo o conhecimento, cabe ao historiógrafo reconstruir o percurso, sempre coletivo, que o conhecimento percorre. Neste caso, é a proposição da autonomia da análise sincrônica em relação à diacrônica que dá sentido a este diálogo entre Said Ali e seus sucessores e que sustenta a inter-

pretação de sua originalidade em relação a seus contemporâneos brasileiros. Com efeito, as fronteiras, internas e externas, da Linguística brasileira contemporânea, enquanto disciplina autônoma distinta da Filologia, da Dialectologia e da Gramática Histórica, estavam de fato no centro das atenções dos linguistas brasileiros da década seguinte (*inter alia* Altman 1998 e 2016).

É preciso enfatizar que não estou afirmando que a contribuição que cada um desses autores deu nesta direção tenha sido sua intenção inicial, e que todos os passos que deram foram, inequivocamente, nesta direção. Ao contrário, o conhecimento linguístico parece ser um processo complexo, pluridirecional, cujas continuidades (e descontinuidades) só podem ser restabelecidas pelo historiógrafo da linguística, a posteriori, e muitas vezes, tentativamente, a partir da perspectiva privilegiada do seu presente histórico. Dito de outra maneira, é a partir do diálogo que, *a posteriori*, estabelecemos entre Said Ali, Saussure, Mattoso Câmara, Silva Neto e Bechara, que interpretamos suas proposições como conservadoras, ou de vanguarda, como convergentes, ou divergentes, relativamente ao quadro de referência que construímos em torno de um problema. O historiógrafo que, nos dias de hoje, reexamina a menção de Said Ali a Saussure do ponto de vista do diálogo que Said Ali estabeleceu com seus contemporâneos tem dificuldades de admitir qualquer influência precoce do Saussure ‘estruturalista’ sobre Said Ali ou ainda, de atribuir a ele uma atitude pioneira em relação ao que ainda estaria por vir.

Interessantemente — e isso também é um dado da nossa história— um dos fatores que valeram a Said Ali uma avaliação positiva daqueles que dominariam o cenário acadêmico a partir dos anos 1950 e 1960 no Brasil, é que sua menção isolada a Saussure se revestiu de uma nuance quase premonitória, já que a ‘modernidade’ de Saussure em relação a um programa estruturalista de investigação logo caracterizaria o *Zeitgeist* carioca.

Referências

- ALTMAN, Cristina. Linguistic research in Brazil (1968–1988). In: JANKOWSKY, Kurt. (ed.). *Multiple perspectives on the historical dimensions of language*. Münster: Nodus, 1996, p. 163-170.
- _____. *A pesquisa linguística no Brasil: 1968-1988*. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 1998.

- _____. Saussure e o (des)encontro de duas gerações acadêmicas no Brasil. *Signo y seña. Revista del Instituto de Lingüística de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires* n. 30, 2016, p. 3-21.
- BECHARA, Evanildo. *Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português* (Originalmente intitulada *Evolução do pensamento concessivo em português*.) Tese de cátedra, apresentada ao Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1954a. Disponível em: www.filologia.org.br/textos/bechara1954.pdf. Acesso em: 18 de abril de 2018.
- BECHARA, Evanildo. *Primeiros ensaios sobre língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1954b.
- _____. *M. Said Ali e sua contribuição para a filologia portuguesa*. Tese de concurso a uma cátedra de Língua e Literatura do Instituto de Educação do Estado da Guanabara. Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/textos/bechara1962-a.pdf>. Acesso em: 2 de abril de 2016.
- _____. Evanildo Bechara em primeira pessoa. (Entrevista concedida por Evanildo Bechara a Neusa Bastos no IP-PUC em dezembro de 2006; gravada e editada em vídeo por Everaldo Nogueira Jr. e transcrita e anotada por Mercedes Hackerott). In: PALMA, Dieli Vesaro Palma, Mercedes Hackerott, Neusa Bastos e Rosemeire Leão Faccina. *80 anos de Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Lucerna, 2008a, p. 13-29.
- _____. Apresentação. Primeiros ecos de F. de Saussure na gramaticografia de língua portuguesa. *Dificuldades da língua portuguesa*. 7 ed. Rio de Janeiro: ABL/ Biblioteca Nacional, 2008b, p. XVII- XXVI.
- _____. *Conversa com Bechara*. Entrevista concedida por telefone a Cristina Altman em 27/07/2017.
- BECHARA, Marlit. O homem intelectual Evanildo Bechara. In: PALMA, Dieli Vesaro, Mercedes Hackerott, Neusa Bastos e Rosemeire Leão Faccina (orgs.). *80 anos. Homenagem: Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Lucerna, 2008, p. 45-55.
- BORGES NETO, José. Linguística no Brasil: mera importação de modelos estrangeiros? *ABRALIN* n. 8, 1986, p. 77-82.
- BRUGMANN, Karl & Hermann Osthof. Prefácio a *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen*. Leipzig: S. Hirzel, 1878.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Estudos linguísticos no Brasil. Notas para sua história. *ALFA* n. 2, 1962, p. 135-143.

- CAVALIERE, Ricardo. Os primeiros ensaios de Evanildo Bechara. In: PALMA, Dieli Vesaro, Mercedes Hackerott, Neusa Bastos e Rosemeire Leão Faccina (orgs.). *80 anos. Homenagem: Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Lucerna, 2008, p. 85-100.
- COELHO, Olga. *Serafim da Silva Neto (1917–1960) e a Filologia Brasileira. Um ensaio historiográfico sobre o papel da liderança na articulação de um paradigma em ciência da Linguagem*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1998.
- COSERIU, Eugenio. Perspectivas gerais. In: NARO, Anthony J. (org.). *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*. Trad. de Maria Cândida D. Bordenave. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976 [1968], p. 11-44.
- DANNA, Stela Maris D. Gabriel. Metalinguagem e ‘escolha de retórica’ em Bello (1853 [1847]) e Said Ali (1919 [1908]): faces dos estudos gramaticais na América do Sul. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-08102014-171902>. Acesso em: 8 de janeiro de 2016.
- ELIA, Silvio. Os Estudos filológicos no Brasil. In: *Ensaio de Filologia e Linguística* 3 ed. ref. e ampliada. Rio de Janeiro: Grifo, 1976, p. 117-177.
- KOERNER, Konrad. 1975. European structuralism: early beginnings. In: SEBEOK, Thomas ed. *Current Trends in Linguistics. Historiography of Linguistics*. Paris: Mouton, v. 13, 1976, p. 717-827.
- _____. *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.
- GRICE, Paulo H. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Trad. de João Wanderley Geraldi. Campinas: IEL-Unicamp, 1982, p. 81-103.
- JOSEPH, John. *Saussure*. Oxford: University Press, 2012.
- MATTOSO CÂMARA Jr. J. *Princípios de Lingüística Geral como fundamento para os estudos superiores da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1941, reimpr. em 1942.
- _____. A linguística brasileira. In: NARO, Anthony J. (org.). *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil*. Trad. de Maria Cândida D. Bordenave. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976 [1968], p. 45-66.
- _____. Said Ali e a língua portuguesa. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Dispersos*. Nova ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004 [1961], p. 223-226.

- MURRAY, Stephen. *Theory groups and the study of language in North America. A social history*. Amsterdam/ Philadelphia. John Benjamins, 1994.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. *DELTA*, n. 15, 1999, p. 70-104, no. especial.
- PALMA, Dieli Vesaro, Mercedes Hackerott, Neusa Bastos e Rosemeire Leão Faccina (orgs.). *80 anos. Homenagem: Evanildo Bechara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Lucerna, 2008.
- SAID ALI, Manuel. *Difficuldades da lingua portuguesa: estudos e observações por M. Said Ali*. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Besnard Frères, 1919.
- _____. *Grammatica historica da lingua portugueza por M.Said Ali*. 2. ed. melhorada e augmentada de *Lexeologia e formação de palavras* e *Syntaxe do portuguez historico*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1931.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. 2 ed. Paris: Payot, 1922, (1 ed., 1916).
- SILVA NETO, Serafim da. In Memoriam Manuel Said Ali. *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, v.1, n.1, 1955, p. 109-112.
- UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Academia Brasileira de Letras: Mesa-redonda em homenagem aos 80 anos de Evanildo Bechara*. Texto apresentado em 12 de junho de 2008 na Academia Brasileira de Letras, 2008. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/722.pdf>. Acessível em: 18 de abril de 2018.

Nota do editor: articulista convidado.